

MEYER, Augusto. "O Espelho". In: *Machado de Assis*, Rio de Janeiro: Ed. Presença/Instituto Nacional do Livro, 3ª ed., 1975.

"O Espelho" é para mim uma história comprida, embora não passe de um simples conto. As suas páginas estão impregnadas da nostalgia do tempo perdido, e basta o título para interromper a irreversibilidade, transportando-me a um momento intenso de adolescência, como a visão, o cheiro e o sabor numa evocação de Proust.

Vencido pela neurastenia, triste como um pinto na chuva, gostava de ler a um canto da varanda, perto da janela, para repousar os olhos cansados na linda paineira do vizinho. Momentos indefiníveis de angústia, quando o crepúsculo, apagando as palavras na página aberta, tingia as flores róseas de um rubor vivo que parecia humano — coisa de meio minuto ou menos.

Foi assim que li "O Espelho". Eu era o alferes do conto. Naquele tempo a minha alma exterior talvez fosse a vaga poesia que os meus dezoito anos atribuíam ao mundo inteiro.

A doença e algumas desilusões ingênuas tiraram-me a farda. E agora estava como o alferes do conto, perdido no mundo vazio, ouvindo "o cochicho do nada". Ouçam:

"Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abraçou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula, tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei com este famoso estribilho: Never, for ever! — For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justa-

mente assim que fazia o relógio de tia Marcolina: — Never, for ever, for ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada... Riem-se?

— Sim, parece que tinha um pouco de medo.

— Oh, fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco..." (1)

Para mim, aqueles dois anos de neurastenia, com as intermitências que me dava a esperança da cura, estão resumidos nessa página de Machado de Assis, que eu li uma tarde a um canto da varanda, quando a sombra começava a apagar as palavras do texto e as fioretes girantes caíam da velha paineira.

\* \* \*

Segundo a teoria de Jacobina, "cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc."

Essa teoria, desenvolvida com luxo de argumentação, pode levantar uma revoada de problemas interessantes. No caso do alferes Jacobina, a alma exterior foi aquela farda mágica, rutilante de ilusões e agalada de vaidades. Quando a vestiu, transfigurou-se. Alferes da guarda nacional! Isto me faz lembrar os velhos álbuns de sala de visita em que há sempre um tio nosso, fardado, sobre um fundo de vagas ruínas românticas. E a fotografia pode

(1) *Papéis Avulsos*.

ser uma demonstração da teoria. Pobre tio Fulano... bom sujeito, modesto, humilde até, mas fardado é toda uma metamorfose: os olhos nem nos reconhecem, eles estão se namorando.

Jacobina vestiu a farda, e desde então a alma exterior começou a enredá-lo numa trama deliciosa de ilusões. "Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! chamava-me o seu alferes. Primos e tio, foi tudo uma alegria sincera e pura".

Esse "alferismo" inebriante culminou com a visita à tia Marcolina, viúva do capitão Peçanha. A boa senhora delirava de entusiasmo, e todos à uma (ela, o cunhado e os escravos) — alferes para cá, alferes para lá. Em pouco tempo, deu-se a transformação:

"O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo que me falava do posto, nada do que me falava do homem".

Ora, um dia o alferes ficou só naquele sítio, abandonado pelos escravos, sozinho como Robinson numa ilha de silêncio. E em vez de um coro de elogios, ouvia o "cochicho do nada". E o grande espelho do seu quarto, espelho antigo, refletia um fantasma em vez do alferes, um vulto espantado e desconhecido que imitava os seus gestos com medrosa surpresa. O olhar de ambos, do homem e do reflexo, parecia perguntar: quem é você?

"Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo e enlouquecer. — Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso,

esgarçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa." (2)

Subitamente, Jacobina tem uma inspiração inexplicável — vestir a farda. Foi um santo remédio: lá estava "ele", o alferes, com a sua realidade anterior de sobrinho da tia Marcolina, restituído a si mesmo...

\* \* \*

Realidade? A si mesmo? Quando o narrador desce as escadas, fim do conto, as interrogações sobem na perplexidade do leitor. E não é para menos. "O Espelho" é um dos momentos mais vertiginosos na obra de Machado de Assis. O humorismo cáustico do princípio, a acrobacia machadiana de Jacobina ao expor a sua tese das duas almas, contrasta profundamente com a gravidade simples da história contada por ele. O próprio ambiente prepara essa impressão, pela sugestão visual de uma claridade dúbia, fantástica, a de um sonho vagamente sonhado por nós, na penumbra de outra vida. Basta citar três linhas descritivas:

"A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora..."

Há na obra de Machado de Assis vários desses momentos de penumbrismo inquietante (pobres palavras!) que me lembram, não sei por quê, certas frases musicais veladas e indecisas. São da mesma família secreta o "Trio em lá menor", o fecho de "Dona Benedita", a parte melhor de "Um homem célebre", todas as cismas de Flora, ou *Esaú e Jacob* e o fascinante, o prodigioso conto "Uns braços".

Em "O Espelho", há reflexos da mesma estranha meia-luz como ambiente real e como ambiente da história contada pela personagem. Mas o valor característico d'"O

(2) Ob. cit.

Espelho" está menós nessa arte do "chiaroscuro" subjetivo do que no drama psicológico sugerido pelo tema.

Pois não será isto o bovarismo de Gaultier, "le pouver départi à l'homme de se concevoir autre qu'il n'est"? (3) A alma exterior, no caso de Jacobina, é uma personalidade fictícia sobreposta à verdadeira, por influência do hábito, da imitação, das convenções sociais, o que aparece claramente noutra conto, a "Teoria do medalhão", mas sob uma forma consciente, como instrumento de luta para a conquista do prestígio em sociedade. Pouco a pouco, a auto-sugestão formada por este complexo, vaidade juvenil, imitação, hábito, propõe ao indivíduo Jacobina, que ainda é apenas virtualidade psíquica, o perfil moral de uma personagem definida — "o alferes", com a qual tenta identificar-se, fascinado pela fita que a fantasia projeta sobre o "écran" interior. De fato, a farda representa para ele uma sublimação de si mesmo, e portanto pensa que é o que não é realmente. Quando o pai de Brás Cubas, sentido com as derrotas do filho, exclama: — Um Cubas!, obedece ao mesmo instinto de sublimação, e Machado nos dá, no fim do capítulo, uma definição admirável do bovarismo, que o próprio Jules de Gaultier não hesitaria em adotar: "Uma fantasia graduada em consciência".

Sim, pensando bem, Jacobina é isso mesmo: "uma fantasia graduada em consciência". A farda, alma exterior, tomou conta do espírito. O homem se fez manequim agalado e faceiro, sombra de si mesmo, paródia da verdadeira alma. Esta, coitada, está lá dentro, encolhida, abafada pela farda, sem voz ativa — porém subsiste como a própria essência da vida que não se vê com os olhos da carne.

Ora, Jacobina somos nós. Botamos a farda e representamos uma paródia do nosso eu autêntico — não na vida social apenas, na vida profunda do espírito, que anda quase sempre fardado. O imperativo do instinto vital se encarrega de fardar o espírito para que ele não se

(3) J. de Gaultier, *Le Bovarysme*... Mercure de France, Paris, 1921.

veja no espelho tal como é na verdade. Só existem as almas exteriores, bovarizadas, mascaradas, e para elas, que só navegam na sabedoria da superfície, é melhor não sondar a profundidade terrível do homem. Quem tira a farda, quem tenta ver o que há além da fantasmagoria organizada em seu proveito pela inconsciência vital, sente a vertigem de si mesmo e de tudo, acaba falando sozinho diante do espelho, como o alferes Jacobina. Aliás, logo torna a vesti-la, num movimento reflexo de defesa:

"Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada: o vidro reproduziu então a imagem integral... era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior".

• • •

Machado de Assis não vestiu a farda, não achou a sua alma exterior. Sempre o veremos em frente do espelho, balbuciando umas coisas vagas, sublinhadas de sorrisos, num delírio de gestos e intenções que se fundem na mesma imagem esgarçada. Escreve às vezes como o alferes falava no grande silêncio, para não ouvir as vozes da loucura e sufocar o pavor da solidão. Pois até o "homem subterrâneo", embora isolado de tudo, não pode matar a solidariedade humana, ainda fala, ainda se desdobra em confidências, para ouvir ao menos o eco das suas palavras.

(Da introversão, parêntese)